

SOLENIIDADE DE NOSSO SENHOR JESUS
CRISTO, REI DO UNIVERSO

DIA MUNDIAL DA JUVENTUDE



JMJ 2023:
ABRAÇA ESTE PRESENTE



Abraça o presente
PARÓQUIA DE NOSSA
SENHORA DA HORA
Andar por um caminho novo | 2022-2023

RITOS INICIAIS

Procissão de entrada | Cântico de Entrada | Saudação inicial

Monição inicial

P. *Abraça o presente.* O presente é Cristo vivo. Do alto da Cruz, Ele oferece-nos de presente e já hoje um presente sem prazo de validade: a vida eterna. Do alto da Cruz, Ele confia-nos como presente o Seu Reino. E, junto à Cruz, no discípulo amado, o mais novo, podemos ver a imagem de cada jovem, os jovens do mundo inteiro, que são o agora de Deus. Abracemos estes belos presentes, nesta Solenidade de Cristo Rei, que o Papa Francisco quer que seja celebrado também como Dia Mundial da Juventude. Preparemo-nos para acolher a grandeza e a beleza dos presentes de Deus, nesta Eucaristia em que Jesus Se faz dom e Se faz presente no meio de nós.

Ato Penitencial

P. *Senhor,* por quem e para quem foram criadas todas as coisas no céu e na terra, visíveis e invisíveis, Tronos e Dominações, Principados e Potestades, **Senhor, tende piedade de nós!** **R.** **Senhor, tende piedade de nós!**

P. *Cristo,* Imagem de Deus invisível, Primogénito de toda a criatura, **Cristo, tende piedade de nós!** **R.** **Cristo, tende piedade de nós!**

P. *Senhor,* Cabeça da Igreja, que é o Vosso corpo, em quem reside toda a plenitude, **Senhor, tende piedade de nós!** **R.** **Senhor, tende piedade de nós!**

Hino do Glória

R. Nós entoamos hoje um Hino de glória, de louvor a Cristo, o único Rei, Deus e Senhor das nossas vidas.

Oração coleta

II. LITURGIA DA PALAVRA

HOMILIA NA SOLENIDADE DE CRISTO REI E SENHOR DO UNIVERSO C 2022

1. Abraça o presente, hoje. Porque *«hoje mesmo estarás comigo no Paraíso»!* O abraço de Cristo na Cruz, a quem se deixa olhar, tocar, salvar e abraçar por Ele, não oferece de presente apenas uma palavra consoladora, um remédio de eterna juventude, uma luz de esperança. Rei na Cruz, Jesus oferece-nos nada menos e nada mais que a participação na Sua realeza, a comunhão com Ele, a vida eterna, o Paraíso. Sim. Ele é o Messias esperado, que realiza a promessa da vida verdadeira, da vida eterna. Jesus não vem a este mundo, para nos dar mais anos de vida ou uma esperança confinada ao tempo presente. Ele veio para nos reconduzir ao Pai, para nos introduzir na própria vida divina, para nos atirar para os braços do Pai, para nos envolver no abraço de Deus. Ele veio, para que tivéssemos acesso à vida plena, à vida em abundância, à vida maior. Não tenhamos medo de o dizer assim: Ele veio para nos devolver o Paraíso, para nos devolver ao Paraíso. Este é o seu maior presente.

2. Neste dia da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo e neste Dia Mundial da Juventude, com o presente da vida eterna, abracemos ainda dois presentes muito especiais: o Reino de Deus e os jovens a caminho da JMJ.

2.1. Abraça o presente do Reino de Deus. O Reino de Deus vem hoje, aqui e agora, com Jesus na tua vida. Ele confia-te o seu Reino, entrega-te este mundo para o transformares à imagem dos novos céus e da nova terra. O Seu Reino acontece, não aqui ou acolá, mas onde Ele reina e o Seu amor te alcança. O Seu Reino é um presente, que és chamado a abraçar, com força dos braços e a ternura dos abraços!

2.2. Abraça os jovens, que são o agora de Deus e com eles abraça o presente da JMJ 2023. Neste Dia Mundial da Juventude, não podemos deixar de olhar para os jovens e agradecê-los a Deus. Os jovens não são o futuro, mas são o agora, o hoje de Deus.

Eles são dom, prenda, bênção, dádiva, para a renovação da Igreja e para a transformação do mundo. Há tantos jovens que estão entre nós e tantos jovens que virão até nós, por ocasião da JMJ. Deixemos que sejam eles os inspiradores, os autores e os protagonistas da mudança que desejamos, do Reino que construímos. Acolhamos o presente da JMJ 2023, como uma oportunidade única, aqui e agora, na nossa terra, no nosso tempo, para um encontro com Cristo vivo. “Ele é a mais formosa juventude deste mundo. Tudo aquilo que Ele toca torna-se jovem, faz-se novo, enche-se de vida” (Christus vivit). Abraçar o presente da JMJ até pode significar oferecer a um jovem de presente o valor da inscrição ou parte desse valor, para que ele viva uma experiência que marcará positivamente e para sempre a sua vida.

3. A todos, deixo este desafio de abraçar o presente: “Acolhei a Cristo! Recebei-O como Rei nas vossas vidas! Ele é um Rei que veio para salvar! Sem ele não há verdadeira paz, não há verdadeira reconciliação interior e não há verdadeira reconciliação com os outros homens! Sem Ele e sem o seu Reino, até mesmo a sociedade perde a sua face humana. Sem o Reino de Cristo, desaparecem toda a verdadeira fraternidade e toda a autêntica proximidade com aqueles que sofrem” (DLFV, Orientações pastorais para a celebração do DMJ nas Igrejas particulares, 22.04.2021).

Irmão, irmã: Abraça o presente, abraça Cristo vivo, abraça o Seu Reino, abraça os jovens e a JMJ, para que se torne possível a alegria do abraço fraterno entre os povos e entre as gerações, o abraço da reconciliação e da paz, o abraço de uma nova fraternidade, que faça o Céu descer à Terra e esta Terra chegar ao Céu!

HOMILIA NA SOLENIDADE DE CRISTO REI E SENHOR DO UNIVERSO C 2022

Entrega da Bíblia ao 4.º ano

1. **Abraça o presente** é o grande desafio, que nos tem acompanhado e nos acompanhará sempre ao longo deste ano pastoral. Este presente tem muitos rostos, muitos nomes, muitas formas. Mas o maior presente de Deus é sempre o Seu próprio Filho. Deus amou de tal modo o mundo que nos deu o Seu Filho Jesus. É Ele, Cristo vivo, o Presente que queremos abraçar, ontem, hoje e sempre.
2. E este Cristo vivo faz-Se presente quando nos reunimos em Seu nome. Ele está vivo, **fala-nos e faz-Se presente através da Sua Palavra**. A Palavra de Deus é um presente, porque através dela o Pai vem falar-nos; através da Palavra Jesus faz-Se presente; através da Palavra conhecemos o que Ele quer de nós. Toda a Palavra das Escrituras encontra em Cristo o seu rosto, a sua realização, o seu cumprimento. Jesus é a Palavra que se faz ver, que se faz ouvir. Por isso, ao entregarmos a Bíblia, somos chamados a **abraçar o Presente da Palavra**. Esta Palavra é Cristo vivo. Quando escrevemos ou lemos uma mensagem, através dela fazemo-nos presentes uns aos outros. Através da Palavra, que aqui se anuncia, ou que escutamos a partir da leitura da Bíblia, Jesus faz-Se presente a nós e nós a Ele. Por isso, ler, meditar, rezar e viver a Palavra é tornar presente Jesus na nossa vida. Por isso deixamos o desafio a todos, mas muito especialmente às crianças e famílias do 4.º ano: **Abraça o presente... da Palavra de Deus**.
3. Mas permite-me que te recorde ainda mais o abraço a dois presentes, além do presente da Palavra: o presente que é o Reino de Deus e o presente que são os jovens.

- 3.1. **Abraça o presente do Reino de Deus.** Jesus confia-nos o seu Reino, entrega-nos este mundo para o transformarmos à imagem dos novos céus e da nova terra. O Seu Reino é *um presente*, que somos chamados a abraçar, com força dos braços e dos abraços, para encontrar o futuro, o paraíso, a vida eterna!

- 3.2. **Abraça o presente, abraça os jovens, que são o agora de Deus.** Neste Dia Mundial da Juventude, não podemos deixar de olhar para os jovens e agradecer-lhes a Deus. Os jovens não são o futuro, mas sim o *agora de Deus*. Eles são dom, prenda, bênção, dádiva, para a renovação da Igreja e para a transformação do mundo. Há tantos jovens que estão entre nós e tantos jovens que virão até nós, por ocasião da JMJ. Deixemos que sejam eles os inspiradores, os autores e os protagonistas da mudança que desejamos.

4. A todos, deixemos este desafio de abraçar o presente, através das palavras do Papa Francisco dirigidas aos jovens e a todos nós: *“Acolhei a Cristo! Recebei-O como Rei nas vossas vidas! Ele é um Rei que veio para salvar! Sem ele não há verdadeira paz, não há verdadeira reconciliação interior e não há verdadeira reconciliação com os outros homens! Sem Ele e sem o seu Reino, até mesmo a sociedade perde a sua face humana. Sem o Reino de Cristo, desaparecem toda a verdadeira fraternidade e toda a autêntica proximidade com aqueles que sofrem”*.

5. Irmão, irmã, criança, jovem, adulto, ancião: Abraça o presente, abraça Cristo, abraça o Seu Reino, para que se torne possível a alegria do abraço fraterno entre os povos e entre as gerações, o abraço da reconciliação e da paz, o abraço de uma nova fraternidade, que faça o Céu descer à Terra e a Terra chegar ao Céu.

HOMILIA BREVE

PARA DAR LUGAR AO TESTEMUNHO DOS JOVENS

Abraça o presente! Que presente? «*Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso*»! Jesus oferece-nos, no alto da Cruz, nada menos e nada mais que a comunhão de vida com Ele, a vida eterna, numa palavra, o Paraíso. Este é o primeiro, o maior e o mais belo presente, que somos chamados a abraçar: a comunhão de vida com este Cristo vivo e, com Ele o dom da vida eterna.

[**Onde houver entrega da Bíblia:** Há pouco fomos desafiados a abraçar o **presente da Palavra de Deus**. Quando escrevemos ou lemos uma mensagem, através dela fazemo-nos presentes uns aos outros. Ler, meditar, rezar e viver a Palavra é tornar presente Jesus na nossa vida. Por isso deixamos o desafio a todos: **Abraça o presente... da Palavra de Deus**].

Mas neste dia da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, Jesus confia-nos o seu Reino, como presente ao nosso presente. Ele entrega-nos este mundo para o transformarmos à imagem dos novos céus e da nova terra. O Seu Reino é um presente, que somos chamados a abraçar, com força dos braços e a ternura dos abraços!

Hoje celebramos também o Dia Mundial da Juventude. E porque os jovens são o agora de Deus, este é o dia para dar palco aos jovens, para os agradecer, para os escutar, para lhes dar a realeza do primeiro lugar. Demos-lhes então a palavra: eles querem falar-vos desse presente, que querem abraçar: a JMJ 2023.

Testemunho de um(a) jovem:

JMJ 2023: abraça este presente!

Credo dialogado

P. Credes em Deus Pai, que fez de todos nós Seus filhos e herdeiros do Seu Reino?

R. Sim, creio.

P. Credes em Jesus Cristo, nosso Pastor e Rei crucificado por amor, que tem em tudo o primeiro lugar?

R. Sim, creio.

P. Credes no Espírito Santo, que nos unge com o óleo da alegria, para a missão de transformar o nosso mundo?

R. Sim, creio.

P. Credes na Igreja, Corpo de Cristo, de que sois membros, para o serviço e o testemunho do Seu Reino no mundo?

R. **Sim, creio.**

P. Credes na vida eterna, na redenção e no perdão dos pecados, nos novos céus e na nova terra do mundo novo que há de vir?

R. **Sim, creio.**

Oração dos Fiéis

P. Irmãos e irmãs: pelo Batismo, somos ungidos e tornamo-nos membros de Cristo, Sacerdote, Profeta e Rei. No exercício deste sacerdócio comum, disponíveis para o anúncio e testemunho profético de Cristo, rezamos e intercedemos uns pelos outros, para nos tornarmos verdadeiramente herdeiros e servidores do Seu Reino:

- 1.** Pela Santa Igreja: para que promova a alegria do abraço fraterno da reconciliação e da paz entre os povos e entre as gerações. Oremos, irmãos.
- 2.** Pelos que governam: para que lutem por um mundo novo, onde reinem a verdade e a vida, a justiça, o amor e a paz. Oremos, irmãos.
- 3.** Pelos jovens, que são o agora de Deus: para que se levantem apressadamente, impelidos pelos valores do alto e voltados para as necessidades dos outros. Oremos, irmãos.
- 4.** Por todos nós: para que saibamos reconhecer e dar a Cristo o primeiro lugar, para que Deus reine em nossos corações e o seu Amor nos mova para a construção de um mundo novo. Oremos, irmãos.

P. Senhor, nosso Deus, escutai as preces do vosso Povo, para que o Vosso Reino venha até nós e alcancemos juntos como presente um futuro de vida eterna. Por Cristo, nosso Rei e Senhor.

R. Ámen.

III. LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio próprio desta solenidade | Santo | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão

Rito da Paz: “Aprove a Deus que por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas, estabelecendo a paz, pelo sangue da sua cruz, com todas as criaturas na terra e nos céus”. Que este sinal da Paz seja promessa de um Reino que não terá fim.

IV. RITOS FINAIS

Agenda pastoral (cf. folha dominical) | **Bênção** | **Despedida**

Diacono: Ide em missão. Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

Oração para a Bênção da mesa | Solenidade de Cristo Rei | 20.11.2022

Dia Mundial da Juventude

Senhor Jesus:

Tu és nosso Rei, Messias e Pastor.

Por Ti e para Ti tudo foi criado.

Abençoa os dons da criação,

Reine a tua paz em nossa casa,

preside no amor à nossa mesa,

ocupa o Teu primeiro lugar,

para que o Reino de Teu Pai

venha até nós e Se manifeste

onde o Teu Amor nos alcança

nos transforma e rejuvenesce.

Ámen.

ORAÇÃO DE BÊNÇÃO DA MESA

Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo

Dia Mundial da Juventude

20.11.2022

Senhor Jesus:
Tu és nosso Rei, Messias e Pastor.
Por Ti e para Ti tudo foi criado.
Abençoa os dons da criação,
Reine a tua paz em nossa casa,
preside no amor à nossa mesa,
ocupa o Teu primeiro lugar,
para que o Reino de Teu Pai
venha até nós e Se manifeste
onde o Teu Amor nos alcança
nos transforma e rejuvenesce.
Ámen.



OUTROS TEXTOS

E HOMILIAS

XXXIV

DOMINGO COMUM C

HOMILIA NA SOLENIDADE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO C 2019

1. Chega ao fim mais um ano litúrgico, vivido, na maior parte do tempo, como um *ano missionário*. Foi centrado no desafio de nos assumirmos e tornarmos *todos discípulos missionários* de Cristo, em razão do nosso Batismo. E é precisamente no Sacramento do Batismo, que se centra agora o ano pastoral de 2019/2020.

2. A Liturgia deste dia permite-nos aprofundar estes dois temas inseparáveis do *Batismo e da missão*, precisamente através de um gesto muito simples, que tem raízes muito antigas: o gesto da *unção*. Ouvíamos na 1.^a leitura: “*Ungiram David como rei*” (2 Sm 5,3). Era costume entre os judeus ungir, isto é, derramar o azeite perfumado sobre uma pessoa a quem eram confiadas uma dignidade e uma missão especiais: os *reis, os sacerdotes e os profetas*. Nesse azeite, com que era untado e perfumado, o eleito ou o consagrado sentia escorrer e recair sobre si a glória e o peso do seu chamamento e da sua missão.

3. O mesmo nos acontece a todos, desde o nosso Batismo. Lavados nas águas da pia batismal, fomos perfumados com o *óleo do crisma*, que não é mais do que uma mistura de azeite de oliveira com perfumes vegetais. Este óleo foi benzido pelo Bispo, na manhã de Quinta-Feira Santa. Antes de nos ungir na fronte, o celebrante reza assim: «*Deus todo-poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que te libertou do pecado e te deu uma vida nova, pela água e pelo Espírito Santo, unge-te com o crisma da salvação, para que, reunido ao seu povo, permaneças eternamente membro de Cristo Sacerdote, Profeta e Rei*». Vede: pelo Batismo, tornamo-nos verdadeiramente “*cristãos*”, isto é, de Cristo, e o mesmo é dizer, somos “*ungidos*”. Dito ainda de outro modo mais simples: somos eleitos, consagrados, enviados em missão.

4. E esta oração fala-nos de uma tríplice missão: *sacerdotal, profética e real*. Que significa isto, em concreto?

4.1. Missão sacerdotal, quer dizer que cada um dos batizados participa do sacerdócio de Jesus e, por isso, é chamado a fazer de si mesmo uma oferta agradável a Deus (cf. *Rm 12,1*), intercedendo pelos outros, louvando o Senhor. Isto faz de todos nós, na oração comunitária e na celebração dos sacramentos, um verdadeiro “*povo sacerdotal*”. Somos todos “participantes” do único sacerdócio de Cristo na Sua Igreja; não somos meros espetadores na Liturgia, mas somos todos “praticantes”, todos, cada um a seu modo, concelebrantes!

4.2. Missão profética, quer dizer que cada um é “porta-voz” da Palavra. Todos somos, ao mesmo tempo, evangelizados e evangelizadores, que acolhem a Palavra para a anunciar aos outros, sobretudo com a própria vida. Às vezes, anunciar também significa denunciar, para defender a glória e o nome de Deus, isto é, a dignidade e a grandeza de todos os Seus filhos.

4.3. Missão real, quer dizer que somos membros ao serviço do Reino de Deus. Devemos fazer tudo para que Deus reine em nós e que, a partir de nós, o mundo se torne melhor. “*Todos os filhos da Igreja devem ser ajudados a crescer e a tornar-se «adultos», colocando os seus talentos ao serviço de novas missões na sociedade, na cultura, na política, enfrentando sem medos e sem complexos os desafios do mundo contemporâneo*” (Papa Francisco, *Discurso*, 16.11.2019). Esta é, sobretudo, a missão dos fiéis leigos, que devem ser, no mundo, *testemunhas visíveis de Cristo*, comprometidos com as grandes causas da vida, da dignidade humana, da família, da liberdade, da justiça, da paz, do bem comum, da defesa do ambiente...sem medo de sujar as mãos. Melhor *sujas* do trabalho que *untadas* pela corrupção!

5. Assim, irmãos e irmãs: todo o batizado é ungido, como *sacerdote, profeta e rei*, não para ser um *untuoso*, um *vaidoso*, mas para exalar, por toda a parte, “o *suave odor de Cristo*” (cf. *2 Cor 2,15*)! Onde estiver um cristão, aí deve *cheirar* a Cristo, como

cheira um filho recém-nascido, que depois de ser lavado pelo Batismo, é perfumado pelo Crisma e é alimentado pela Eucaristia!

Homilia na Festa do Acolhimento | 1.º Ano 2019/2020

1. Hoje celebramos esta bonita Festa do Acolhimento. Todos nós fomos acolhidos ao nascer: pelos nossos pais, pelas nossas famílias, pela sociedade. Que alegria quando uma criança vem ao mundo e é bem acolhida por todos!

2. Também é verdade que fomos acolhidos na Igreja, entrando nela pela porta do Batismo:
 - a) fomos lavados, da cabeça aos pés, no banho do Batismo.
 - b) fomos dignos de ser chamados filhos de Deus.
 - c) foi-nos confiado o Reino de Deus.
 - d) fomos ungidos... perfumados com o suave odor de Jesus.
 - e) sabemos que seremos acolhidos por Jesus mesmo quando morrermos; Ele diz-nos: “Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso”...

3. Jesus é o nosso modelo de acolhimento:
 - a) Ele foi acolhido pelos Seus pais e acolheu os Seus pais, sendo obediente.
 - b) Ele acolhia as crianças, os pobres, os pecadores. Ele disse: “Deixai vir a Mim as crianças” e disse mais: “Quem receber uma criança em Meu nome é a Mim que recebe”.
 - c) Ele foi acolhido pelo povo da Cidade Santa como um rei e até as crianças O recebiam com cânticos, dizendo: “Bendito O que vem em nome do Senhor”.
 - d) Mas Jesus também foi rejeitado, na Sua própria terra e, sobretudo, no final da Sua vida, sendo levado à cruz, como um criminoso qualquer.
 - e) Ainda assim, mesmo quando é rejeitado na Cruz, Jesus acolhe o bom ladrão: “Hoje estarás comigo”!

4. Também nós todos devemos acolher bem as crianças. Dos que são como elas é o Reino dos Céus. E devemos ensinar as nossas crianças a ser acolhedoras:
 - a) acolher Jesus, na nossa vida, recebê-lo em nossa casa. Ele é o hóspede divino. Ele tem, em tudo, o primeiro lugar! Ele é o Rei. Não eu, não tu. Não nenhum de nós. Deixemos que Cristo reine! Quando vimos à Catequese, quando vimos à Missa, estamos a dizer: Jesus está primeiro.
 - b) acolher os outros, aqueles que Deus faz entrar na minha vida: os meus pais, os meus professores, os meus catequistas, os meus amigos do meu grupo de catequese, da minha escola... Não sou eu «o rei», «o príncipe» ...

5. Vamos fazer do nosso coração uma porta aberta para Jesus e para os outros. Foi por essa porta aberta do Batismo que entrámos ou entraremos na Igreja.
“Acolhei-vos uns aos outros, como Deus vos acolheu em Cristo” (Rm 15,7).

HOMILIA NA SOLENIDADE DE CRISTO REI E SENHOR DO UNIVERSO C 2016

ENCERRAMENTO DO ANO JUBILAR DA MISERICÓRDIA

«Lembra-Te de mim, quando vieres com o Teu Reino» (Lc 23,42)!

«Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso» (Lc 23,43)!

1. Fechada hoje, em Roma, a Porta Santa do Ano Jubilar da Misericórdia, mantém-se aberta, para sempre, a porta da esperança! No alto da Cruz, Jesus deixa aberta, de par em par, a porta do paraíso, sem medo do assalto dos ladrões, e, um deles, pelos vistos, é mesmo o primeiro a entrar! É verdade! Era ladrão, tinha roubado durante a vida inteira! Mas no fim, arrependido daquilo que fizera, olhando para Jesus, manso juiz, tão bom e misericordioso, conseguiu roubar o Céu! Nisto sim, foi um bom ladrão! E a verdade é que *“ninguém antes dele ouviu uma promessa semelhante: nem Abraão, nem Isaac, nem Jacob, nem Moisés, nem os profetas, nem os apóstolos. O ladrão entrou à frente de todos eles. Mas também a sua fé ultrapassou a deles. Ele viu Jesus atormentado e adorou-O, como se estivesse na glória. Viu Jesus pregado a uma cruz, e suplicou-Lhe como se O tivesse visto no trono. Viu Jesus condenado e pediu-Lhe uma graça, como se faz a um rei. Ó admirável malfeitor. Viste um homem crucificado e proclamaste-O Deus”* (S. João Crisóstomo).

2. Este malfeitor torna-se assim testemunha da graça e da misericórdia do Senhor. Ele é um exemplo, para nós, do caminho permanente da nossa conversão: em primeiro lugar, o seu temor filial a Deus, rico em misericórdia, fê-lo tomar consciência do pecado! Depois, a contemplação do rosto inocente de Jesus, levou-o a reconhecer a sua culpa e a necessidade de perdão. E, por fim, a sua confiança, no nome de Jesus, abriu-lhe as portas da salvação.

3. Assim, do início ao fim da Sua vida, Jesus é verdadeiramente, para todos, o rosto da misericórdia do Pai! E, até no último suspiro, Jesus pronuncia apenas a palavra do perdão e não a da condenação: «*Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso*». E nós ficamos a saber: que não há santo sem passado, nem pecador sem futuro!

4. Ao concluir hoje o Ano da Misericórdia, podemos pensar um pouco na história do amor misericordioso de Deus por nós! Cada um de nós tem também os seus erros, os seus pecados, os seus momentos felizes e os seus momentos sombrios, *a sua face negra. Nem eu, nem tu, fugimos à regra!* Por isso, depois de um ano inteiro, a celebrar a misericórdia de Deus, far-nos-á bem pensar na nossa história pessoal, olhar para Jesus e, do fundo do coração, repetir-Lhe muitas vezes – mas com o coração, em silêncio – *“Lembra-Te de mim, Senhor, agora que estás no Teu Reino! Jesus, lembra-Te de mim, porque eu tenho vontade de me tornar bom/boa, mas não tenho forças, não posso: sou pecador/a. Ajuda-me a descobrir que só Deus é Bom! Lembra-Te de mim, Jesus, porque Tu estás no centro, Tu estás precisamente no Teu Reino, donde nos atraís, e no qual temos a redenção e o perdão dos pecados”...*

5. Continuemos a dizer-Lhe, todos os dias, *“Senhor, lembra-Te de mim”* e deste modo, Ele estará no centro do nosso mundo, será o Senhor da nossa vida, o Rei e Pastor do nosso coração. Deste modo, nos lembraremos d’Ele e de que a porta da misericórdia do Senhor estará sempre aberta, para nós!

Alteemos, pois, nós, as portas da nossa vida, da nossa Igreja, para Ele, para que venha e vença, com a soberania do Seu Amor, e derrame sobre o nosso rosto o bálsamo da misericórdia do Pai, como sinal do Reino de Deus, já presente no meio de nós!

Homília no XXXIV Domingo Comum C 2013 – Encerramento do Ano da Fé

1. Ao longo do Ano da Fé, que agora se conclui, coloquei-me, muitas vezes, do lado dos descrentes, dos hesitantes, dos blasfemos, dos incrédulos, dos indecisos, para caminhar, com eles, na busca da verdade, na luz da fé! Procurei escutar as suas perguntas e ensaiar algumas respostas! Ainda no passado domingo me detive aqui convosco a refletir *“como conciliar a fé num Deus bom e todo-poderoso com o escândalo do mal e do sofrimento inocente”*!

2. E hoje, nesta comovente cena da crucifixão, voltam à carga as mesmas questões sobre *Deus e o mal*, mas agora com uma ironia ainda mais arrogante: *“se és o Filho de Deus, desce da cruz; salva-Te a Ti mesmo e a nós também”* (Lc.23,37-38)! Jesus sabe bem que o espetáculo dos milagres não liberta as pessoas, antes se apodera delas! Ora Deus não se quer apoderar de ninguém! Em Jesus, Deus quer apenas ser amado, numa resposta livre, que só poderemos dar, se nos confiarmos e entregarmos a Ele, na fé. *«Para ser humana, a resposta da fé, deve ser voluntária»* (C.I.C. 160) e não pode ser vencida ou convencida, à força, ou à custa de qualquer gesto divino extravagante, que nos deixe com o *“credo na boca”*! Deus não nos invade assim. Ele bate sempre à porta da nossa fé livre, para respondermos ou não ao seu amor. Em Jesus crucificado, a beleza da divindade está desfigurada, sem glória à vista, sem uma luz que deite por terra a nossa dúvida. Portanto, só a fé poderá conhecer e reconhecer no rosto do Crucificado o amor e o esplendor do Filho de Deus!

3. Vede, irmãos, como o escândalo da cruz a uns provoca a descrença mas a outros chama à fé! Pensemos em Maria, que se confia, na fé e ali renova o seu *“sim”* inicial. Pensemos no centurião, que exclama: *«realmente este era o Justo, o Filho de Deus»* (Mt,27,54; Mc.15,39; Lc.23,47). E ponhamos os olhos no bom ladrão: ele vê Jesus, na cruz, desfigurado, irreconhecível, e, no entanto, confia-se a Ele, como a Seu Rei. O bom ladrão acredita naquilo que está escrito: *«Jesus de Nazaré, Rei dos judeus»*: crê

e confia. Abre-se, assim, à verdade, alcança a fé e suplica: «Jesus, recorda-te de mim, quando entrares no teu reino» (Lc 23, 42). E é salvo, não por estar na cruz, ao lado de Jesus, mas por estar *com Jesus* na Cruz!

4. Nós sabemos que a cruz será sempre, para nós, como o foi, para Pedro e para os Apóstolos, o ponto crítico da fé! Pedro terá mesmo de renunciar ao desejo de salvar Jesus *da* cruz, para aceitar ser salvo por Jesus, *na* Cruz. Só depois se tornará testemunha e rocha firme da fé da Igreja, como lhe dirá Jesus: «*Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, por tua vez, confirma na fé os teus irmãos*» (cf. Lc 22, 32).

5. Queridos irmãos e irmãs: Dêmos graças a Deus, pelo Ano da Fé! E, chegados agora ao fim, façamos uma avaliação, a partir de algumas perguntas:

- 1) Redescobri, na comunidade, ao longo deste ano, o gosto pela fé, isto é, a beleza e a alegria de uma fé professada, celebrada, vivida e rezada?
- 2) Reencontrei, ao longo deste ano, um renovado entusiasmo, para comunicar a fé, experimentando a “doce e reconfortante alegria de evangelizar” (EN 14)?
- 3) A minha fé está, cada vez mais, centrada no essencial, que é Jesus Cristo, sendo que tudo o resto é secundário (cf. Papa Francisco, Mensagem no twitter, 9.11.2013)?

Não deixemos, então, apagar-se esta luz da fé, que, porventura, se acendeu ou reacendeu. Vem aí o Advento, e com ele, o início de um novo ano litúrgico! O Senhor nos dê a graça de *manter acesa a luz da fé*, para percorrermos, juntos, um caminho de esperança!

Homilia no XXXIV Domingo Comum C 2010

“Jesus, lembra-te de Mim, quando vieres com a tua realeza!” (Lc.23,43)

1. Bela oração, ousado exercício de esperança e de confiança, no amor invencível de Cristo! Numa prece final, um dos “malfeitores”, convertido, arrebatado, pela sua fé, o coração de Cristo! E pensávamos nós que o Reino de Deus era prémio e conquista de benfeitores. Mas não. Somos atraídos e transferidos para o Reino deste Amado Filho, por via da fé, que se exprime na oração e, por esta, se traduz em conversão de vida. É assim que Deus entra na nossa vida, para reinar, para a tornar nova e sua, para sempre!

2. A nossa tentação, ao contrário, é a de construir este Reino, sem Deus; chegamos mesmo a remover Deus, da nossa actividade social e económica, do nosso meio laboral e cultural, sob o pretexto de assim “transformar” mais rapidamente a sociedade. Somos tentados a pôr ordem, neste mundo, contando apenas com as nossas capacidades, com a força da nossa “mão-de-obra”. Deus parece secundário, senão mesmo supérfluo e incómodo, perante tantas urgências e prioridades da nossa vida.

3. Ou então, como os chefes, os soldados e um dos malfeitores, «quantas vezes desejávamos que Deus Se mostrasse mais forte. Que Ele atingisse duramente os maus, que derrotasse o mal e criasse um mundo melhor. Nós sofremos pela paciência de Deus. E, todavia, todos temos necessidade da sua paciência. O Deus que Se tornou Cordeiro inocente, diz-nos que o mundo se salva pelo Crucificado e não pelos crucificadores. Não é o poder que redime, mas o amor. Este é o sinal de Deus: Ele mesmo é amor» (Bento XVI), amor oferecido à nossa Vida, para a salvar radicalmente da morte: «*Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso*», responde Jesus. A vida verdadeira é estar com Cristo, porque onde está Cristo, ali está o Reino!

4. Queridos irmãos e irmãs: Vivemos este mês de Novembro, sob o signo da esperança, a começar com a celebração dos santos e fiéis defuntos e a acabar, com o início do Advento! E como é bom ouvir, neste mês da esperança, esta palavra de confiança na vida eterna. **«Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso»**. Cristo torna-se, então, o Paraíso, onde a nossa vida é acolhida e engrandecida! O Paraíso deixa de ser, um «lugar» mítico, um jardim sonhado pelo homem, para se tornar uma experiência mística, íntima, pessoal e vital, de comunhão plena com Cristo! O paraíso não é mais um lugar a que chegaremos, a pulso, por um esforço heróico ou virtuoso. É-nos dado simplesmente, por pura penetração da plenitude da luz de Deus, em nós, por meio de Jesus Cristo! A vida eterna deixa de ser uma estranha e etérea forma de vida, para depois da morte. A vida eterna não é mais do que o nosso ser e viver *“por Cristo, com Cristo, e em Cristo”*, numa forma de existência definitiva e plena! Na medida em que vivermos, desde já, a nossa comunhão existencial com Cristo, o futuro definitivo é já presente, a vida eterna é já «hoje». Na Cruz, de braços abertos, Ele dá a cada ser humano um lugar, no próprio ser de Deus! O Senhor Jesus é então o lugar daquela Vida, que não tem fim e não precisamos de procurar e de perguntar por outro lugar! A nossa confiança tem nome de ressurreição e garantia de pessoa: Jesus Cristo!

5. Deixemo-l’O reinar; dêmos-lhe todo o espaço do nosso coração, todo o tempo da nossa vida. Pois, onde Cristo chegar e reinar, o céu tomará conta da terra e a terra dará lugar ao céu! Estende-lhe a mão, que o Paraíso está aberto. O Céu tem um coração!

HOMILIA NO XXXIV DOMINGO COMUM C 2007

“Jesus, lembra-te de Mim, quando vieres com a tua realeza!”

I. Que bela oração, tão cheia de fé e confiança, no amor de Cristo! Numa prece final, um dos “malfeitores” convertido, arrebatado, pela sua fé, o coração de Cristo! E pensávamos nós que o Reino de Deus era prémio e conquista de benfeitores, ou que o caminho do Reino de Deus passava, em primeiro lugar, pelo compromisso sindical ou social, pela luta ou labuta diária, pelo progresso e sucesso das nossas boas obras. E não. Somos atraídos e transferidos para o Reino deste Amado Filho, por via da fé, que se exprime na oração e se traduz em conversão. É assim que Deus entra e se instala, no sistema da nossa vida, para a tornar nova e sua, para sempre.

II. A nossa tentação, ao contrário, é a de construir este Reino, sem Deus; chegamos mesmo a remover Deus, da nossa actividade social e económica, do nosso meio laboral e cultural, sob o pretexto de assim “transformar” mais rapidamente a sociedade. Somos tentados a pôr ordem, neste mundo, contando apenas com as nossas capacidades, com a força da nossa “mão-de-obra”. Deus parece secundário, senão mesmo supérfluo e incómodo, perante tantas urgências e prioridades da nossa vida. Todavia, a cena da Cruz mostra-nos precisamente o contrário. Cristo oferece-nos o Reino, ali, «atado, de pés e mãos». Mais ainda: é o clamor da fé e da oração, e não o mérito da boa acção, que abre ao «bom ladrão» a porta do Reino! «*Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso*», responde Jesus. O Reino é realmente Jesus em pessoa, é Cristo vivo na nossa vida, é a permanência e a influência decisiva de Cristo na nossa vida.

III. Queridos irmãos e irmãs: Afirmar a realeza de Deus significa que Deus deve tornar-se a **força determinante da nossa vida e do nosso agir**. Mas perguntar-nos-emos: Por onde começar, para que o Deus de Jesus Cristo, se torne, afectiva e efectivamente, o «rei e senhor», o princípio, o centro e o fim da nossa Vida?

Responder-vos-ia, retomando no essencial, a reflexão dos últimos domingos:

1º. Em primeiro lugar, pela «**conversão do coração**». Foi assim que Jesus propôs o Reino: «*arrependei-vos, o Reino está próximo*». Só um coração dócil é capaz de acolher o perdão e a vida nova de Jesus! Deste modo, Deus começará a reinar na nossa Vida. Pois se o coração do Homem não for bom, nada mais se torna bom. E a bondade do coração só pode vir daquele que, em si mesmo, é a bondade e o bem: Deus. Por isso, onde Deus não está, nada pode ser bom. Onde Deus não se vê, decai o homem e definha o mundo. Por outras palavras, no coração, que deixa de ser alimentado pela força vital de Cristo, o Reino acaba; mas no coração, que é impelido pelo amor de Cristo, o Reino começa. O Reino só subsiste pelo Senhor, que é a sua Vida, a sua força e o seu centro. Eis porque a vida deste Reino é a continuação da vida de Cristo em nós.

2º. **Em segundo lugar**, a verdadeira conversão tem início, com aquele mesmo "clamor" da alma, que implora perdão e salvação: «*lembra-Te de mim*». Por conseguinte, a **oração cristã** é força de esperança, a máxima expressão da fé no poder de Deus, que é Amor e não nos abandona.

Em verdade vos digo: a força, que silenciosamente e sem clamores, muda o mundo e o transforma no Reino de Deus, é a fé... e a expressão da fé é a oração. Quando a fé está repleta de amor a Deus, reconhecido como Pai bom e justo, a oração faz-se perseverante e insistente, torna-se um suspiro do espírito, um brado da alma que penetra o Coração de Deus. Deste modo, a oração torna-se a **maior força de transformação do mundo**. Diante de realidades sociais tão difíceis e complicadas, é necessário **revigorar a esperança, que se alicerça na fé, e se exprime numa prece infatigável**. É a oração que conserva acesa a chama da fé. É isto mesmo que pedimos quando rezamos: "*Venha o vosso Reino*". Rezamos para que a vontade de Deus determine agora a nossa vontade e assim Deus reine no mundo; portanto, rezamos para que a justiça e o amor se tornem forças decisivas na ordem do mundo.

3º. Em terceiro lugar, este caminho do Reino, que passa pela conversão, pela fé e pela oração, é sustentado pelo Pão santo da **Eucaristia**. E esse Pão é o fermento de vida nova e, celebrado no amor, é antecipação do «banquete do reino». Cada vez que nos reunimos aqui, mostramos, ao mundo, quem é o Senhor da nossa vida.

IV. Meus queridos irmãos e irmãs: Nesta Solenidade de Cristo Rei, somos enviados a anunciar o Reino de Deus. Mas deixemos primeiro Deus reinar em nossos corações. Antes mesmo de querer deitar «mãos à obra» e de transformar o mundo, deixemo-nos atrair e impelir, mover e comover pelo amor de Cristo. Para que seja Ele em nós, a dar vida nova ao mundo.

Para isso, rezemos então sempre e mais, rezemos muito mais, rezemos muito melhor. Quanta diversão, quanta perda de tempo, na nossa vida, se podia aproveitar para a oração! Quanto mais rezarmos, mais seremos de Deus e mais Deus será tudo em nós, e para nós. E quanto mais Deus for em nós, mais nós seremos para os outros.

Para isso, não deixemos que nada se anteponha a Cristo; demos-lhe em tudo o primeiro lugar, e celebremos, domingo a domingo, a Eucaristia, com mais fé, com uma fé mais ardente e confiante. Quanto mais a vivermos, com os sentimentos de Cristo, mais a força do Reino, nos atirá para o compromisso com o mundo.

V. Era tão importante, que Deus reinasse em nós! Que Ele gozasse de prioridade em todas as estradas da nossa Vida! Neste último domingo do ano litúrgico, voltemos o nosso olhar para Cristo, que nos domina do alto da Cruz, com o seu abraço de perdão e amor. E rezemos, cheios de confiança:

Faz-nos teus, Senhor!

Atrai-nos a Ti,

pela força débil do teu amor,

e torna o nosso coração,

sempre dócil ao Teu perdão!

Vive em nós,

e deixa-nos morrer em Ti!

Que por Ti,

tudo seja submetido a Deus!

Que conTigo o Reino cresça no mundo,

e Tu possas entregar ao Pai,

o Universo renovado!

Para que Deus,

seja tudo em todos (I Cor. 15,26-28)!

e nós sejamos todos em Ti!

Homilia no XXXIV Domingo Comum C 2004

1. A última tentação de Cristo é igual à primeira. O Tentador voltou à carga, como estava prometido (cf. Lc.4,13). E vomita, pela boca arrogante dos soldados, dos chefes e de um dos malfeitores, a sentença da sua sorte grande, a sua última hipótese de ganhar a vida: «*Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se é o Messias de Deus, o Eleito*». Como quem diz, *se é o Messias*, tem a faca e o queijo na mão, para se servir à vontade e acertar as contas com este mundo, que o provoca e condena. Até um dos malfeitores esperava que Jesus, num golpe fatal, mostrasse a todos, *de quem é Filho*. Ele bem podia exhibir, em toda a sua força, *as armas do seu Reino*. Pensavam outros. São vozes sedutoras, ruídos mundanos, tentações diabólicas, mas que agora vêm de fora e dão a cara. Mas, do princípio ao fim da sua missão, Jesus, na eloquência dos gestos e no silêncio das palavras, mostra que “*o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos*”(Mt.20,28; Mc.10,45). Por isso, Ele manifesta toda a sua força, na fraqueza do perdão. Ele expõe-se em toda a sua grandeza, num acto de rendição. A sua fidelidade e a sua obediência ao Pai não são postas em causa, na hora decisiva. A verdade do seu amor aos homens, não teria ido até ao fim, ficaria suspensa no vazio, se Ele descesse da Cruz, para se salvar a si mesmo. Por isso, num verdadeiro e último *golpe de misericórdia*, Jesus abre as portas do paraíso, e mete à frente o último de uma fila de condenados. «*Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso*». Assegura Jesus.

2. No espectáculo da Cruz, - queridos irmãos e irmãs - está patente a tentação primeira e última do ser humano. A de se tomar como um deus para si mesmo, ou a de se tornar um deus para os outros, num jogo de sedução e de domínio. Desde o princípio da sua missão, Jesus rejeita a idolatria, não aceita nem procura um palco de glória e um mundo de poder, para seu gozo e satisfação. A sua resposta é clara, desde a primeira hora: “*Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a Ele servirás*” (Mt 4, 10).

3. Agora, que Jesus renunciou a todas as suas prerrogativas, - *“não se valendo da sua igualdade com Deus, mas aniquilando-se até à morte e morte de Cruz”* - é que Ele é glorificado. Da Cruz, Ele ressuscitará, como sinal de que *“Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu e na Terra. E toda a língua proclame que Jesus é o Senhor, para glória de Deus Pai”* (Fil.2,6.9-11). É Ele o Reino do Universo, a Cabeça da Igreja, o Senhor da vida de cada um. Ele tem em tudo o primeiro lugar. E por isso, só a Ele, *é devida a adoração, o louvor e a glória para sempre*. A adoração de Cristo, reconhecido como único Deus e Senhor, liberta-nos da tentação insidiosa de nos vergamos às seduções do mundo, que oferece o prazer, o lucro, a fama, como substitutos de Deus.

4. Caríssimos irmãos e irmãs. Estamos a celebrar o domingo, que é verdadeiramente *«o dia do Senhor»* e *«o senhor dos dias»*. Reunimo-nos em Eucaristia, para celebrar a vitória pascal de Jesus e para o aclamar e proclamar, do princípio ao fim da celebração, como *Rei e Senhor* das nossas vidas, não deixando assim que nada e ninguém ocupe o *primeiro lugar* que só a Ele é devido e merecido. A Eucaristia torna-se mistério de adoração.

O próprio acto de ajoelhar, durante a consagração, é o gesto mais expressivo de que só a Deus adoramos, só a Ele prestamos culto. Deste modo, imitamos *“os anciãos que se prostravam diante d’Aquele que está sentado no trono e adoravam Aquele que vive pelos séculos dos séculos”* (Ap 4,10).

5. Se na celebração da Eucaristia adoramos o Deus que é connosco e para nós, uma tal experiência do espírito deve prolongar-se e reflectir-se também em tudo o que fazemos, pensamos e operamos. A tentação, sempre insidiosa, de preocupar-se com as coisas deste mundo pode levar-nos a dobrar os joelhos diante dos ídolos, não já diante de Deus apenas.

Dobrar os joelhos diante da Eucaristia, adorando o Cordeiro que nos permite celebrar a Páscoa com Ele, educa-nos a não nos prostrar diante de ídolos construídos por mãos de homem; e estimula-nos a obedecer, com fidelidade, docilidade e veneração, a Quem reconhecemos como único Senhor da Igreja e do mundo!

Homilia na Solenidade de Cristo Rei C 2001

1. «*Salva-te a ti mesmo*». É a provocação dos que imaginavam este rei dos judeus, rodeado do seu séquito de soldados e criados, senhor de regalias e mordomias, a mandar, de vara na mão, e a comandar com ceptro de ferro. Uma espécie de ditador, que podia viver palaciana e regaladamente como “*pavão que alisa as suas penas e torna as almas mais pequenas*” (Sophia M, Breyner). «*Salva-te a ti mesmo*», dizem os soldados e um dos ladrões malfeitores. É como se o desafiassem, do trono da Cruz: «*Safa-te. Calça-te bem. Usa e abusa do teu poder. Aproveita enquanto podes. Serve-te do melhor. Não sejas tolo, tu que afinal tens “a faca e o queijo” na mão. Promove-te. Garante o teu futuro. Alarga a tua bolsa. É o mais comum em quem manda. E já ninguém estranhará que assim seja*». Pensavam os chefes dos judeus.

2. E Jesus cala sem consentir. Nas poucas palavras, que ressoam da Cruz, Ele manifesta o seu poder, quando perdoa e se compadece. Ele mostra a sua grandeza, quando serve e obedece. Ele alarga a sua realeza, precisamente quando a partilha: «*hoje mesmo estarás comigo no Paraíso*». Torna-se grande ao promover os pequenos. É um Senhor, que não domina, esmagando. Mas que serve, libertando. Ele sacrifica a sua própria vida na liberdade do seu serviço. É um rei, a quem caberia melhor o título de Pastor. Nascido do Povo e para o Povo, por escolha de Deus, ao serviço dos Homens.

3. Fomos todos, **pelo Baptismo**, revestidos da túnica sacerdotal deste Rei. Fomos já então, e logo depois no Crisma, unguídos com o óleo da dignidade real deste Senhor. Fomos «*transferidos para o Reino deste amado Filho*», chamados por isso, enquanto herdeiros, a ser construtores do Reino. Reino de Deus, que cresce, com a promoção do Homem. Reino de Deus que se planta e implanta, aqui e ali, dentro e fora da

Igreja, onde o nosso compromisso se destina a promover o bem comum, a servir a pessoa e a sociedade. É por isso fundamental e necessário que os cristãos se empenhem, como *fermento na massa*, por levar os valores humanos e a semente do evangelho, precisamente aos campos da vida social, política e económica, onde se joga o destino dos povos, onde se decide a vida das populações, onde se procura a saúde de todos, onde se constrói o futuro dos filhos, onde se faz a educação das novas gerações.

4. Temos, na cidade, um déficit de cristãos, que dêem a cara, o nome, o corpo, a alma, o tempo e o serviço, pelo crescimento do Reino neste mundo. Maior parte das estruturas do poder e dos serviços, das colectividades e das associações, das direcções e assembleias, das instituições e grupos intermédios, estão entregues a outros. Reduzimos a nossa presença aos lugares e tempos da celebração... e deixamos tudo o resto sob o comando de pessoas e interesses, que, nem sempre podem ter em vista a promoção integral da pessoa, como ser social e espiritual, como cristãos e cidadãos. Exige-se dos cristãos uma cidadania pessoal mais activa, na responsabilidade colectiva da vida deste Povo. Para que o «ouro» e o tesouro do evangelho não sejam entregues ao «bandido», nem a luz divina do candelabro fiquem debaixo desta mesa do altar!

5. Vem a propósito, neste período pré-eleitoral, um texto de João Paulo II na sua Exortação Apostólica sobre «Os *fiéis leigos*» (ChFL, n. 42), em que define o sentido da missão «real» dos cristãos: *«Para animar cristãmente a ordem temporal, no sentido de servir a pessoa e a sociedade, os fiéis leigos não podem absolutamente abdicar da participação na «política», ou seja, da múltipla e variada acção económica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o bem comum. (...) Todos e cada um têm o direito e o dever de*

participar na política, embora em diversidade e complementaridade de formas, níveis, funções e responsabilidades. As acusações de arrogância, idolatria de poder, egoísmo e corrupção que muitas vezes são dirigidas aos homens de governo, do parlamento, da classe dominante ou partido político, bem como a opinião muito difusa de que a política é um lugar de necessário perigo moral, não justificam minimamente nem o cepticismo nem o absentismo dos cristãos pela coisa pública». Apreciamos por isso a generosidade e a participação de todos os candidatos ao exercício do poder autárquico. Servir e promover a pessoa e a sociedade é fazer crescer o Reino de Deus. Mas pedimos e esperamos que os cristãos entrem nesta luta, **não de mãos untadas, mas de mãos unguidas**, quer como eleitos quer como eleitores, de acordo com a sua consciência e dever cristãos. Para que nas estruturas do ensino e da saúde, do trabalho e do lazer, dos serviços e do poder, Cristo tenha o primeiro lugar. E terá o primeiro lugar, ali precisamente, onde o Homem, cada Homem, puder ser e crescer, à medida da sua vocação divina e da sua missão terrena. O Homem é, por isso, o caminho da Igreja! Dêmo-nos as mãos e demo-las a todos os homens de boa-vontade. Pedindo que Deus nos dê mãos unguidas que nos guiem para a glória do seu Reino!

Homilia na Solenidade de N.S.J. Cristo, Rei do Universo C 1998

1. O Cristo Rei. Um Rei que não se veste de púrpura, nem se rodeia de segurança. Não é um monarca de poder absoluto, mas um Rei atado à Cruz, livre e de braços abertos, sem o domínio esmagador dos inimigos. Um Rei sem Coroa nem servos, à perfeita mercê de todos...

O Cristo Rei. Senhor de si, sem outro poder que não seja o do amor, que salva e perdoa. *Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.* Por isso é Rei na Cruz. Rei porque não cede na determinação de cumprir a vontade do Pai. Rei porque se verga por amor aos mais pequenos e não se dobra, por nada, aos grandes deste mundo. É Cristo, Rei e Senhor. Senhor, que não torna as almas mais pequenas, mas engrandece os mais fracos. Partilha com eles e com todos, a começar pelos pobres, a sua realeza e o seu reino. Ali, desde logo, com outro crucificado, ele dá de braços abertos, toda a riqueza do reino. *«Hoje mesmo estarás comigo».* É um Rei sem os reinos deste mundo.

2. E nós, ali na Cruz, acolhemo-lo então como Rei e Senhor. De seu Pai, recebemos como herança o Reino. A sua túnica real do Filho Jesus é desfeita em pedaços, para cobrir as trevas do nosso pecado e revestir de dignidade todos os filhos de Deus. Todos, pelo Baptismo, e depois no Crisma, fomos ungidos com o óleo da alegria, revestidos com a veste real. Somos, desde então, participantes da dignidade real de Cristo. Somos um Povo de Reis. O mesmo é dizer, participamos daquele poder de amor, com que Cristo atrai a todos e a todos serve. Ungidos e consagrados, fomos, como David, chamados pelo nome, para ser enviados em missão. A Unção com o óleo do crisma atesta a nossa escolha. E confirma a nossa missão. A missão de edificar o Reino de Cristo. Isto é, a de fazer com que Cristo reine:

3.1. Que reine na Liturgia. É ele a Cabeça da Igreja. E todos, cantores, leitores, acólitos, ministros da comunhão e presidente, somos servos da Liturgia, deixando

que seja Cristo, a figura principal, sem protagonismos de uns e rivalidades de outros.
É Ele e não nós, que é o Senhor...

3.2. *Que reine no mundo do trabalho, da família, das relações sociais, da actividade política.* Lutar pelo Reino é não ter medo de sujar as mãos no «lixo» do mundo, fermentando-o com os valores da justiça, da caridade e da Paz: nas associações de pais, nos movimentos cívicos, nos sindicatos, nas autarquias... no parlamento... O risco da corrupção e a suspeita de podridão nesses meios não nos dão o direito de fugir mas o dever de assumir o compromisso com a causa pública. Onde é preciso justiça e paz, aí deve estar, na linha da frente, o cristão. Porque aí e por aí crescerá ou não o Reino de Deus...

3.3. *Mas que reine, antes de tudo, no coração e na vida de cada um de nós.* O Cristo, Rei da Glória, é o Cristo Rei dos Corações. *Ele deve ter em tudo o primeiro lugar!* Só na medida em que Cristo reinar em cada um é que poderá reinar sobre o Universo...

4. *«Dêmos graças a Deus Pai que nos tornou dignos de tomar parte na herança dos santos, na luz divina! Ele nos transferiu para o Reino de seu Filho muito amado!» (cf. Col.1,12-20)*

Homilia na Solenidade de Cristo Rei e Senhor do Universo C 1992

1. Que rei é este que hoje contemplamos cravado na Cruz? Que poder manifesta um homem miseravelmente condenado entre dois malfeitores? Sobre que povo reina um homem atado à cruz, sem fala nem resposta diante dos apupos da multidão? O nosso Rei é Cristo, morto e Ressuscitado! É Ele que nos abraça ao Pai com ternura do seu silêncio, com a grandeza da sua entrega. Ele está na Cruz! Reina na Cruz! Morre na Cruz. Ressuscita na Cruz! Reina, porque venceu a lógica do mundo! Reina porque não recuou um passo no seu caminho! Reina por ser o que diz e dizer o que é, reina por não tolher os seus gestos com a ameaça da morte. Reina por não vender a sua Palavra diante da condenação. Reina por dar testemunho à Verdade. Reina por não ter medo do mundo e não se deixar vencer por Ele. O nosso Cristo é Rei e Senhor. Senhor de si e voltado para os outros. Servo do seu Povo e Cabeça desse mesmo povo. Sem medo nem fugas, sem rodeios nem desculpas, sem cobardias nem conveniências pessoais, o Senhor aceitou reinar no alto da Cruz. Não como monarca divino, cioso do poder, usando a seu favor. Ele salva os outros, esquecendo-se de si. Não como um Deus vingativo e opressor. Ele perdoa e atrai para o Pai os que o acolhem. Na Cruz, o nosso Deus venceu a lógica dos grandes e dos poderosos, venceu a falsa piedade dos bons praticantes e ensinou-nos o Caminho da Vida, libertando-nos do domínio da trevas. Enfrentando o poder do mal e a morte no seu próprio campo, Cristo inaugurou o novo Reino. E, na palavra dita ao bom ladrão, abriu-nos o caminho do Paraíso. Assim Deus nos transferiu para o Reino de seu Amado Filho e nos libertou do domínio das trevas.

2. Rei estranho este que nos torna participantes da sua realeza e nos quer junto de si, já hoje, com Ele, na posse da herança prometida. Ele é o Pastor que nos une e nos atrai, que nos conduz e alimenta, que nos serve e guia. É da mesma Carne e dos mesmos ossos que nós. Do Povo e para o Povo, Ele é Ungido do Senhor, o Messias da Promessa. É um rei que nos compromete com um Reino. Que no-lo dá como dom e como tarefa. Que nos oferece o reino como graça e missão. Cabe-nos a nós,

participantes da sua realeza, povo de Reis, servir o Reino de Deus até à Cruz. Cristo nos chama hoje a metermo-nos no meio do mundo sem medo de sujar as mãos. A criticar o que é injusto sem medo de perder o lugar. Ele nos compromete com o mundo, chamando-nos a transformá-los por dentro, com critérios novos de justiça, de verdade e santidade. Ele associa-nos à sua realeza dando-nos a tarefa de renovar todas as coisas, de as conduzir no sentido do bem e do bem dos outros. E isto sem hesitação nem covardia. Chama-nos a erguer bem alto a voz nas praças da cidade contra a corrupção, o compadrio, a hipocrisia, a mentira, a miséria. Vale mais isto acompanhado com o testemunho de uma vida do que as orações a fio em horas vagas e perdidas, que aborrecem mais a Deus do que nos consolam a nós. Não é deste mundo o Reino de nosso Pai David. Mas é neste mundo que ele começa. É neste mundo e aqui que ele se instaura. É nas fábricas e nos sindicatos, nas escolas e nas Câmaras, na polícia e nos hotéis, nos hospitais e nos bairros, nos campos e no comércio, que o Reino de Deus tem lugar. Este Reino é uma Pessoa. É Jesus Cristo no coração de cada um a inspirar atitudes novas, denúncias corajosas, serviços desinteressados, verdades limpas, palavras simples, gestos livres e libertadores. Que falta nos fazem no meio do mundo e nos centros de decisão pessoas corajosas, serviços desinteressados, verdades limpas, palavras simples, gestos livres e libertadores. Que falta nos fazem no meio do mundo e nos centros de decisão, cristãos a sério. Tantas horas perdidas em doces orações e em missas assistidas para colecção... Ai, se elas fossem minutos de mãos sujas no meio da podridão e da miséria, a desenterrar a verdade que há em cada um, a servir de justiça, a semear novas ideias, a inventar projectos novos? Então, sim! Cristo teria em tudo, o primeiro lugar!

3. Um ano a fio diante deste Cristo, misericordioso mas exigente, rei e servo. Um dia virá em que participaremos do banquete do Reino eterno e definitivo. Enquanto caminhamos, fiquem na Terra vida, santidade e graça, justiça, amor e Paz. O nosso Rei atrai-nos e compromete-nos, estando connosco hoje e sempre até quando Deus

for tudo e todos! Se não somos felizes longe de Deus, tão pouco seremos longe dos Homens, nossos irmãos!

Memento (desenvolvido) na Oração Eucarística II

(... depois das palavras «ao serviço do vosso povo» e antes do «Memento» dos defuntos)

Lembrai-Vos, Senhor:

dos que não são lembrados,

dos que não Vos lembram,

dos que nos pedem que os lembremos,

dos que só em alguma vez se lembram de Vós,

dos que Vos lembram aos outros,

dos que já não nos lembramos...

Porque Vós não Vos esqueceis de ninguém.

Por isso, nós Vos lembramos

todos aqueles de quem mais gostamos,

os nossos pais, irmãos, avós e professores.

Lembrai-Vos, Senhor, de todos os nossos amigos

da escola, da catequese, do escutismo, do trabalho e dos tempos livres.

Lembrai-Vos também daqueles de quem não gostamos tanto.

Lembrai-Vos, Senhor, de todos os que sofrem e andam tristes e sós.

Lembrai-Vos, Senhor, da grande família dos cristãos

e dos homens de todo o mundo.

Lembrai-Vos também por nós mesmos:

Escutai a oração que fazemos uns pelos outros!

Lembrai-Vos, Senhor!

Lembrai-Vos daqueles

que já partiram deste mundo:

N. e N.

Recebei-os com amor na Vossa glória!

Preces 2

P. Irmãos e irmãs: o reino de Deus é reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz. Com toda a confiança de filhos, invoquemos do Pai do Céu que o Seu reino venha ao mundo, comprometendo-nos a colaborar com a Sua graça. E digamos: R. Pai, venha a nós o Vosso reino.

1. Na organização, na vida e no serviço da Vossa Igreja: R.
2. Nas divisões daqueles que creem em Cristo: R.
3. Nas comunidades divididas por lutas e discórdias: R.
4. Nos países dilacerados pela guerra, pela fome e pela ignorância: R.
5. Nas dores dos que sofrem pelo reino dos céus: R.
6. Nas mentes dos que Vos procuram sem Vos encontrar: R.
7. Nos corações dos que Vos abandonaram: R.
8. Na vida dos que pensam poder viver sem Vós: R.
9. Nos pensamentos dos que têm sede de poder: R.
10. Nos desejos dos que estão dominados pela soberba: R.
11. Nas vontades dos que são escravos do seu egoísmo: R.
12. Nas esperanças dos pequenos e dos pobres: R.
13. Nos projetos dos adolescentes e dos jovens: R.
14. Nas obras dos que têm em sua mão a sorte dos seus irmãos: R.

P. Senhor nosso Deus, que abris a porta do Vosso reino aos homens renascidos da água e do Espírito Santo, aumentai em nós a graça do Batismo, para que, livres de toda a culpa, possamos herdar os bens prometidos. Por Nosso Senhor... R. Ámen.